

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 107

Editor, Dr. Alberto Rodrigues

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 5 de Dezembro de 1912

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

Um grande livro

Poucas vezes aparece um livro de uma singeleza e perfeição moral tão grandes como este volume de filosofia a que, com o máximo prazer, vou referir-me.

Em 1906, tendo-o lido recentemente o mais alto magistrado da república dos Estados Unidos, M. Roosevelt, escreveu um longo, sincero e simpático artigo para a *Revue*, o qual produziu a consagração mundial do seu autor, M. Charles Wagner, e a sua imediata difusão em toda a América.

M. Roosevelt predicou com óptimo resultado, mercê do calor que animava o seu generoso intuito, e sobre tudo pela certeza que tinha do benefício que prestava à sua Pátria, e consequentemente a cada um dos seus concidadãos.

Podesse eu ter a mesma felicidade. Mas, com resignação e verdade o digo, eu não aspiro a mais que convencer o núcleo pequeno e simples dos meus conterrâneos. Não poderá dizer-se, portanto, que não sou modesto, e muito menos que esqueci o dever de ser patrioticamente afectuoso.

Venho referir-me à obra de M. Charles Wagner **A Vida Simples**, a qual, de há oito anos a esta parte, conta, reproduzida em todas as línguas, dezenas e dezenas de edições, e que só agora um editor nosso, na tradução primorosa do grande artista Eugénio de Castro, acaba de lançar nos mercados português e brasileiro.

Quando há dois anos o li, ainda na alegria inquieta dos primeiros momentos da Revolução, ansiosos como todos andávamos de refazer e abrir mais o mundo moral desta Pátria de um tão grande nome de tradição, e por isso mesmo digna de melhor e maior destino, eu senti a anciedade, a profunda e lial ambição de gastar alguns mezes da minha vida a fazer a propaganda, em todo o paiz, dessa obra que não representa sómente uma prova do alto critério e da rara firmeza moral do Homem que a pensou e generosamente escreveu, mas também o mais oportuno evangelho de meditação e estudo para uma sociedade nas condições de deficiência e impotência desta

assaz batida e indolente sociedade portuguesa.

A Vida Simples é, felizmente, o estudo mais rigoroso da defeituosíssima moral social do século em que nascemos, e ao mesmo tempo o seu mais firme e agradável depurativo mental. Lê-lo é, a cada reflexão, realizar um profundo e digno exame da nossa representação moral e espiritual, em projecção directa sobre o nosso estado actual, imperfeito, da representação colectiva. Lê-lo é, consequentemente, alcançar um equilíbrio infalível da moralidade própria; é adquirir um mentor serêno que oriente, de um modo absolutamente útil, o nosso exercício da vida; é ganhar um amigo lial para confidências constantes, neste século de dúvidas e nervosidade e deficiência, o qual se avantajará à rigorosidade do melhor e mais forte conselho que possamos haver do coração sempre perigoso dos homens. Lê-lo, portanto, representa o mais oportuno, útil, digno e imperativo dever.

A obra magnífica de M. Charles Wagner não é (nem criteriosamente o devia ser) uma obra de organização intelectual complicada, e muito menos de uma factura literária muito difícil de compreensão, subtil. Ao contrário: é uma obra simples, simplesmente lançada; uma obra que toda a gente entende.

E por ser um livro daquela natureza de obras de análise que tem uma importantíssima missão a desempenhar em certo e determinado momento social—no nosso defeituosíssimo e perigosíssimo momento social, por exemplo—é que eu, ao ver com alegria que chegara enfim a ocasião de o apresentar ao nosso público, e muito especial e carinhosamente aos meus conterrâneos, me levanto neste lugar e, com a mais honesta situação e o mais claro prazer, afirmo:

—Este livro é, para nós, os portugueses, neste momento, uma coisa absolutamente precisa. Nenhum outro volume, que eu saiba, tem, para nós, tantas energias benéficas a entregar-nos, depurando e fortificando as nossas muito cansadas e viciadas energias morais, do carácter da raça. O Estado deveria publicá-lo, numa grande e útil edição, e entregá-lo ao Povo. Os professores deveriam cultivá-lo nas escolas, em benefício da organização do carácter dos peque-

ños portugueses. Os pais deveriam oferecê-lo, como o melhor conselheiro, aos filhos que quisessem educados. E' belo, pela sua honestidade, este livro. Urge lê-lo, difundí-lo, apregoá-lo em toda a parte. Eu próprio, se tivesse a propriedade de um jornal, um determinado número fiel de leitores ou uma assembleia atenciosa de ouvintes, iria prégá-lo (é o termo), certo de que praticava uma bela acção; convicto, intensamente convicto de que cumpria um grande dever de afectuosidade e espírito colectivo.

Porém... Mr. Roosevelt foi bem mais feliz!... Paciência.

Alfredo Guimarães.



NOTAS E FACTOS

Os bombeiros no teatro

Pela segunda vez falamos, no n.º 44, da grande conveniência de a autoridade fazer permanecer um piquete de bombeiros durante os espectáculos nos nossos teatros, e, depois da medida obsequiosamente tomada pelos nossos briosos bombeiros, no espectáculo a favor da Cantina, fornecendo um piquete provido de mangueiras, agradável nos é noticiar hoje que essa medida de salutar previdência já nos últimos espectáculos se verificou, o que só é motivo para a louvar-mos pela acertadíssima deliberação tomada—deliberação que bom será não deixar de ser restritamente observada de hoje para o futuro.

Contribuem os organizadores dos espectáculos com 1500 réis para o serviço de incêndio, reverendo esta quantia em benefício do cofre da benemérita corporação.

Alerta, brasileiros!

No «Malho», revista ilustrada que se publica no Rio de Janeiro, vimos, no de 9, um fradalhão a sorrir-se por detrás dum monstro fardado de guerreiro sobre uma ilha, a seguinte notícia:

«O mosteiro de S. Bento cedeu os seus pretensos direitos sobre a Ilha Grande a um sindicato estrangeiro, que se prepara para exigir do nosso governo grossa indemnização.

Sirva a lição aos nossos governos, que vivem a fazer rapapés ás ordens estrangeiras.»

... E aos mecos de cá, que todos se babam a louvar a república irmã, que ainda se hade arrepender das suas liberalidades para com aquela gatinha.

CONVITE

O cidadão Alberto Veloso de Araujo, delegado da Grande Comissão de Defesa Nacional, aquêem Mondego, de acôrdo com a Sub-Comissão da mesma benemérita Cruzada, composta de briosos oficiais do Regimento de Infantaria n.º 20, convida a população da antiga e nobre cidade de Guimarães e do concelho a assistir a uma conferência, na noite de 7 do corrente, pelas 20 1/2 horas, no Teatro D. Afonso Henriques.

Esta conferência, de intuits patrióticos, nobres e generosos, pretende evidenciar ao Povo Português o estado actual da defesa terrestre e marítima e os meios de lhes dar a eficácia, o valor e a importância a que tem jús tais distintas corporações, ao serviço duma Pátria livre.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1912.

Alberto Veloso de Araujo.

Idem

Do mesmo, representando, em marcha, ajouçados de alforges, uma miscelânea de conceiristas de todos os mistéres:

«Indivíduos carregados de ódio e envenenados pelo fermento das paixões políticas... Imigração assim é muito melhor que vá para Angola. Dêsse pessoal não precisamos.»

Nem nós, queridos irmãos. Deus os tenha por lá muito tempo... na sua santa guarda.

Justo reparo

Tem havido deputados que comparecem no Congresso depois de lá faltarem durante nove sessões, iludindo assim a lei das penalidades respectivas; e tem havido outros que comparecem apenas para... assignarem o ponto, como já pitorescamente se diz e escreve.

No último debate Duarte Leite—Macieira, a câmara dos deputados chegou a estar representada apenas por desenhos dos seus membros, porque tinha ido o resto, à surrrelfa, para o senado ouvir cantar os galos, acabando por se encerrar a sessão por falta de numero.

Ora isto é que não pôde ser. O exemplo deve vir de cima, e o povo, que paga o subsídio diário, confiado no patriotismo dos seus representantes, exige que deles se tire mais algum proveito.

¿Ou isso é para dar razão a quem afirma que o erro não é dos regimens, mas dos homens?

«Cantina Escolar Vimaranesse»

Reuniu terça-feira a comissão organizadora desta associação de benemerência escolar, e resolveu, entre outras coisas, instalar ainda este mês a Cantina que, como se sabe, deve funcionar numa dependência junto ás Escolas Centrais, instaladas na rua de Francisco Agra.

A Penha

O simpático vimaranense sr. António Luis Pereira, que tam desveladamente cuida dos progressos de embelezamento da instância da Penha, acaba de oferecer, a exemplo do que tem feito por outras vezes, a importante quantia de 600000 réis, para que prossigam as obras no mesmo pitoresco monte. Sabemos que o nosso conterrâneo manifestou desejos de ver reorganizada a comissão de melhoramentos, para que, sob um plano geral, e com um critério artistico, se vão executando as obras de aformoseamento julgadas mais urgentes e acertadas.

Bom é que estes desejos se realizem quanto antes, para que não tenhamos de ver olvidada, mais uma vez, a serra de tantos encantos e belezas naturais.

A música que torna

A música regimental de infantaria 20 voltou a tocar no jardim público, com agrado geral dos vimaranenses.

Desta maneira se verifica que as populações preferem ter música ás quintas e domingos, pouco lhes importando a medida económica dum ministro, que, a vingar, podia computar-se em 70 contos de réis.

E' toque a música!

DEFESA NACIONAL

A comissão dos oficiais de infantaria n.º 20 encarregada de fazer a propaganda sobre a patriótica missão da defesa nacional, iniciou no passado domingo, no Pevidem, o seu primeiro comício.

O lugar escolhido, que foi o salão amplo da escola paroquial daquela importante povoação, encheu-se completamente, usando da palavra os srs. tenente Duarte Fraga, um 1.º sargento e o sr. Serafim Rodrigues.

Consta-nos que a segunda missão se destina ás Taipas, no próximo domingo.

UM GRANDE SARAU

EM BENEFICIO DA

CANTINA ESCOLAR VIMARANENSE

Teve lugar na quinta-feira pré-terita o sarau organizado por uma comissão de três conhecidos vimaranenses. Antes da hora previamente anunciada deu volta à cidade a banda «Bôa União», postando-se no átrio onde alternadamente tocou algumas peças.

A casa ostentava vistossíssima ornamentação, à qual presidiu o gosto delicado e artístico do querido amigo Abel Cardozo. Assim viam-se as frizas e camarotes de 1.ª ordem enfeitados com colchas onde predominavam as cores rosa, azul e amarelo, bem como as colunatas tomadas por fios de hera, sobressaindo de onde a onde grandes crisântemos que ofereciam um matiz de artístico realce. Em escudos bem lançados liam-se estes ensinamentos: «A Cantina é uma obra de carinho e de ternura». — «Há mais luz nas vinte e quatro letras do abecedário do que em todas as constelações do firmamento» G. Junqueira. — «Mais do que castigando se corrige explicando». — «As crianças tem mais que tudo fome e sede de simpatia.» B. Machado. — «Estudem-se as crianças para que se amem muito mais ainda.» — «Não há remédio senão ser indulgente com as crianças.» — Numma democracia nascente o papel mais alto e mais nobre é o do mestre-escola.» Zola. — «Quem tem alma capaz de fazer mal às crianças? Ninguém que verdadeiramente a tenha.»

Os camarotes de 2.ª ordem estavam guarnecidos com grandes palmas e cartões parietais. Num camarote de fundo, poisando sobre a esfêra armilar, iluminada a lâmpadas doiradas, sobressaia o escudo nacional num remate admirável de palmas e flores. Poucas vezes, em suma—e justiça é afirmá-lo—o Teatro D. Afonso tem ostentado tam primorosa ornamentação.

Dest'arte, com uma concorrência distinta e numerosa, subiu o pano, em cujo palco 100 crianças entoaram os cânticos das Escolas e a Sementeira. Tem depois lugar a

1.ª parte do sarau

Conferência

Recebido o nosso distinto conterrâneo dr. Alfredo Pimenta por uma grande salva de palmas, iniciou este a sua conferência, cujo tema era: «Educação e instrução». Em suas primeiras palavras promete não tratar ali de política, como era mister observar, tanto mais que largos são os pontos de vista da tese que se propoz. Não obstante isso, e afora umas pinceladas vagas sobre educação, os três quartos de hora que entreteve foram absolutamente absorvidos na matéria que pará aq- uelle lugar não devia ser chamada.

Recita depois o delicado diseur José Rotiz uma poesia de primorosa factura descritiva, colhendo justos aplausos.

CANTINA ESCOLAR VIMARANENSE

Forma de admissão dos contemplados:

A Comissão Organizadora desta associação de beneficência escolar, tendo resolvido fazer, ainda este mês, a instalação da Cantina, deixa aqui indicadas as condições de admissão à mesma. Como se indica no art. 1.º, alinea a), dos estatutos, a refeição é des-

2.ª parte do sarau

«Rebate Falso»

Comédia em 2 actos e 1 quadro, original do director deste semanário.

Agradou o trabalho?

Recebeu boa interpretação?

Não cumpre a nós dizê-lo. O que se viu é que o autor, podendo ter tido o azar de ser corrido à batata, . . . andou com sorte, recebendo as honras duma chamada e, cumulativamente, as felicitações dos seus amigos.

Adiante, pois.

3.ª parte do sarau

Apoteose à Cantina

Ao fundo do palco erguia-se uma figura ostentando esta legenda: «Protecção à infância». Na base cruzava-se o estandarte da Câmara Municipal como que a significar que a mesma devia a Cantina a sua primeira base. Aos lados desta figura erguiam-se as bandeiras das classes operárias de Guimarães, testemunho de que elas agasalhavam em si a obra de amor e de carinho que era a Cantina Escolar Vimaranense. As crianças das escolas, empunhando então ramos de oliveira, cantaram o hino marcial—à Continência à Bandeira, evoluacionando militarmente perante uma bandeira nacional empunhada por um déles. Este número, que agradou imenso, foi bisado entre o entusiasmo de toda a sala, que freneticamente aplaudia os rapazes.

Por fim foi entoada a Portuguesa, levantando-se toda a assistência, enquanto a criança erguia vivas estridentes à Cantina, à cidade de Guimarães, à Pátria.

NOTAS

Alguém ingénuaamente nos pergunta se a Companhia Dramática que fez a interpretação da peça levou dinheiro. A Companhia em questão levou 30000 réis, só por representar, e foi por ser para um beneficio de alcance tam simpático, como é a Cantina!

—A comissão organizadora do sarau agradece a todos quantos se dignaram ficar com bilhete para assistirem ao mesmo; ao sr. inspector primário e professor Ataliba o interesse que tomaram cooperando e contribuindo para o bom exito do mesmo; ás colectividades; aos srs. Joaquim Novais, Joaquim Eugénio, Agostinho Rocha e a tantos outros por favores dispensados; à família Aldão, pela obsequiosa oferta de todas as palmas que adornaram o Teatro; ao bilheteiro, bengaleiro e fiel do mesmo que, embora ganhando dinheiro, foram atenciosos e prestadios; a todos, finalmente, quanto nos auxiliaram nesta tarefa, — muito obrigados.

—As crianças que fizeram parte do sarau tiveram no final um ligeiro lunche.

tinada às crianças pobres, mediante o pagamento de, pelo menos, 5 réis, e de acôrdo com o regulamento elaborado pelo Conselho de Administração. Não está ainda elaborado definitivamente este regulamento; accentuou-se, todavia, desde já, em destinar um livro para a admissão, onde se registem, com o auxilio de informação do professorado e juntas paroquiais, todos os que queiram por estarem nas condições do art. acima traduzido. Por sua vez, e na medida dos recursos, irão recebendo permissão ao beneficio da Canti-

na aqueles que mais satisficam estas condições:

- Os que sejam mais pobres;
- Os que residam em freguesias distantes;
- Os que contem menos tempo de escola;
- Os que tenham menos idade.

O mesmo regulamento preverá:

- Que deve isentar-se de pagamento quem seja absolutamente necessitado;
- Que possa ter a refeição da Cantina quem a deseje pagar;
- Que decorrido certo praso o beneficio da Cantina seja passado a outros, estabelecendo-se para isso um quadro dentre os mais carecidos.
- Que seja dispensado do beneficio da Cantina o que tenha incorrido em falta que mereça ser observada.

Como esclarecimento devemos informar os pais ou tutores das crianças que frequentam as Escolas Centrais, de ambos os sexos, que os requerimentos, feitos em papel comum, devem desde já ser dirigidos ao 1.º secretário da Cantina, rua da República, n.º 154, indicando simplesmente o seguinte:

Nome da criança, idade, classe que frequenta, nome e residência dos pais.

«Enganou-me ou enganou-se?!...»

A conferência do Sarau de quinta-feira

Meu amigo A. L. de Carvalho:

«Sou republicano, e nunca politicamente fui outra coisa. Nestas circunstâncias, escusado será dizer-lhe que a valer me interessam os destinos da nossa querida República. E, assim, sempre que quaisquer dos políticos portugueses, mais em destaque, fazem ouvir publicamente a sua opinião, sejam elles evolucionistas, democráticos, independentes ou unionistas, e sempre que me é possível côrro pressuroso a colher os ensinamentos que julgo dimanarem das suas palavras, embora partidárias e quiçá, muitas vezes, falhas de sinceridade.

O que é certo é que vou já com disposições para ouvir política.

Ora v., meu caro amigo, enganou-me, ou enganou-se, tendo-me enviado, juntamente com o bilhete de ingresso para o sarau a favor da Cantina Escolar, um programa em que se anunciava, entre outras coisas belas, uma conferência pelo nosso illustre conterrâneo Dr. Alfredo Pimenta, sobre Educação e Instrução, pois que tal conferência, a despeito da declaração prévia do conferente, que não tocaria em politica, e do tema anunciado, justamente e quasi exclusivamente sobre outro assunto não versou, além da politica partidária, contra a espectativa geral! E porque cada coisa tem seu lugar, ou pelo menos deve tê-lo, tal facto é tanto mais para estranhar quanto é certo que, tratando-se de uma festa de protecção às crianças, o apêlo feito aos corações magnánimos das nossas gentes conterrâneas, pelo sr. Dr. Alfredo Pimenta, verdadeiramente contrito para que elas perdoassem aos republicanos as injúrias e desmandos que elles tem praticado, não o fôsse antes para que esses mesmos corações, mananciais puríssimos de generosidade, se abrissem em prol da infância, como é de esperar.

Para estranhar é também que o illustre orador, afastando-se do tema anunciado, desviasse assim a sua ternura só para os republicanos e se mostrasse afinal, no decorrer do seu discurso, pouco inclinado a mover-se pelo cora-

ção quanto aos prêsos adversos à República Portuguesa, quando manifestou desejos de que, «porque isso representaria um acto político», a amnistia se não fizesse demorar. Para agradecer seria se representasse um acto de magnanimidade, como creio.

De resto, meu amigo, nada disto era para ali.

Todos nós estamos fartos de saber «que a República está forte, sólida, e que só cairia caindo com ela a nossa nacionalidade», como disse o eminente orador.

Mas nada disto era para ali. Repito: a comissão organizadora do sarau enganou-me ou enganou-se. Não lhe perdão.

Dum amigo republicano.»

N. da R. — Vemos que há motivo para os reparos a que a carta alude, e por isso aceitamos aquelles que nos faz, em forma primorosa, quem se assina «amigo republicano». Não enganamos, todavia, nem fomos enganados quando, em vez duma conferência sobre «educação e instrução», nos deram uma conferência... politica, restritamente politica, porque, cremos, não teve o illustre conferente antecipado propósito de nos empalmar a festa revertendo-a num acto de propaganda de politica partidária pois o seu carácter bem sabia que isso era uma acção menos séria, o que tanto bastava para que elle repudiasse qualquer tentação nesse sentido. Não. O nosso querido amigo dr. Alfredo Pimenta fallou, sem dúvida, não porque não fosse capaz de sustentar o tempo da sua oração no tema que nos indicou previamente, mas tam sómente porque em seu espirito elle julga a politica — como causa nacional — a causa máxima, à volta da qual todos os outros problemas se agitam e desenvolvem, não podendo, consequentemente, tratar-se quaisquer outros sem que aquelle se mostre mais ou menos resolvido, como problema básico que é. Assim, por certo, o entendeu.

Quanto à maneira de ver da sua politica partidária que não deixou de revelar, isso... é da paixão dominante que todo o absorve, talvez.

REPORTAGEM

Nova firma

Participa-nos o sr. António José de Oliveira, em circular de 16 do mês findo, que trespassara a sua fabrica e negocio de cortumes a seus filhos José, Belmiro e Manuel Mendes de Oliveira, os quais se constituíram em sociedade para continuarem a exploração da mesma industria sob a firma comercial de António José de Oliveira, Filhos.

Aos novos industriais, nossos amigos, agoiramos as melhores prosperidades, pois que, além das qualidades de seriedade e de trabalho que reúnem, tem o exemplo de seu pai, que nêles, estamos certos, fructificará.

Recebam, por isso, as nossas felicitações.

1.º de Dezembro

Dia de gala nacional. Hastearam as bandeiras, e a Câmara iluminou.

No D. Afonso houve espectáculo pela academia... falando-se mais uma vez no patriotismo das Filipas de Vilhena e na traição dos Migueis de Vasconcelos.

Festas Nicolinas

A entrada do pinheiro anunciador da tradicional festança académica fez-se com grande aparato. O espectáculo de 30 esteve rasoaável, salientado-se José Barros. O pregão correu, domingo passado, a cidade em versos de Delfim de Vimaranes. As novenas da Conceição receberam por igual a visita dos zabumbas tocados por devotos... de caldo de unto.

As danças, que são a chave, saem amanhã, exibindo-se primeiramente no teatro.

Dizem-nos que são repetição das que já saíram num ano que não vai longe.

Teatro Gil Vicente

Representar-se há no próximo domingo, em beneficio dos porteiros deste teatro, o drama em 5 actos e 8 quadros, de G. Decourcelle, As Duas Orfãs, dedicado à illustre corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Do produto liquido do espectáculo, revertirá 10 por cento para fundo da Caixa de Socorros da mesma Associação.

Romaria

No próximo domingo é a popular romaria da Conceição — a dous passos da cidade.

Enlace

Consoceiou-se o sr. Adelino Joaquim Neves com a sr.ª D. Custódia Pinto, cunhada do sr. Abílio Cruz. Felicidades.

Juri

No tribunal desta cidade procedeu-se à eleição do juri comercial para funcionar no próximo ano.

Horário

No próximo número reproduziremos o horário dos combóios com as alterações que sofreu.

Filantropica

O espectáculo que em beneficio da Sociedade Filantropica a academia vimaranense realizou, esteve bom pelo desempenho correcto que os briosos académicos lhe deram. O discurso de abertura foi muito bem recitado.*

Discurso

Vai ser distribuido profusamente em manifesto a oração pronunciada no Teatro D. Afonso, na noite de 28, pelo nosso illustre conterrâneo dr. Alfredo Pimenta.

Parlamento

Foi nomeado para fazer parte da comissão parlamentar de legislação operária e secretário da meza da câmara dos deputados, o sr. dr. Eduardo de Almeida, nosso distinto conterrâneo.

Cantina Escolar Vimaranense

Fornecimento de géneros

A comissão organizadora desta associação de beneficência escolar abre concurso de arrematação, durante 8 dias, a contar da presente data, para o fornecimento dos seguintes artigos de consumo: Pão de milho, arroz (1.ª e 2.ª), bacalhau, massas, batata, azeite e carvão.

As propostas devem ser feitas em carta fechada e entregues ao 1.º secretário A. L. de Carvalho, rua da República, n.º 154.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1912.

O presidente,

Tenente Francisco M. Ferreira.

Caixa Económica Postal

Afim de que seja conhecida do público a criação da **Caixa Económica Postal** e das suas vantagens em benefício de todos os povos, qualquer que seja a sua condição social, e muito especialmente dos menos abastados, certos de que todas as classes sociais aproveitam das vantagens que oferece tão útil instituição como é a Caixa Económica Postal, publicamos na integra a circular que a Administração Geral dos Correios e Telégrafos lançou a público:

«A Caixa Económica Postal, criada por decreto com força de lei de 24 de Maio de 1911, tem por fim propagar e estimular o princípio da economia, levando o efeito benéfico das suas operações até às povoações mais longínquas e de menor importância, ao público, em geral e, em especial, às classes menos abastadas um meio fácil e seguro de azealhar as mais insignificantes quantias e torna-las productivas, constituindo por esta forma, quasi sem sacrificio, um pequeno capital.

O Estado é responsável pelas importâncias depositadas na Caixa Económica Postal.

As pessoas que desejarem depositar qualquer quantia, em seu nome ou no de terceira pessoa, podem para esse fim apresentar-se na Tesouraria (sede da Caixa em Lisboa) ou em qualquer estação telegrapho postal, sedes do concelho do continente ou das ilhas adjacentes.

O depósito mínimo é de 200 réis no continente e Madeira, e 250 réis (moeda insulana) nos Açores. Não são permitidas fracções de 100 réis.

Acceptam-se também depósitos em selos postais das taxas de 5 a 25 réis, afixados em boletins que são fornecidos gratuitamente em todas as estações. Cada boletim não pode comportar mais de 200 réis em estampilhas, no continente e Madeira, e 250 réis nos Açores.

As estampilhas devem ser coladas de forma que fiquem separadas umas das outras.

Os depósitos effectuados por particulares ou firmas comerciais, vencendo juro, não podem exceder a 1.000.000 réis por ano, ou 5.000.000 réis por ano ou réis 5.000.000 na totalidade.

São permitidos, tanto a particulares como a sociedades ou associações, depósitos superiores ás citadas quantias, mas não vencerão juro.

O juro é de 3 por cento ao ano. No fim de cada ano económico o juro vencido e não recebido, é capitalizado, começando desde então a render juro.

A pessoa que fizer o primeiro depósito é entregue gratuitamente uma caderneta postal, nominativa, onde serão inscritas todas as operações que realizar.

Para os juros serem registados nas cadernetas, devem estas ser remetidas á sede da Caixa no fim de cada ano económico.

Aos titulares das cadernetas, quando as confiarem ao correio, para este ou outro qualquer fim, será entregue um certificado, que deve ser restituído á estação em troca da caderneta devolvida.

Os depositantes podem pedir reembolsos parciais dos seus depósitos quinze dias depois de emitida a caderneta. O reembolso total só se fará trinta dias, pelo menos, depois do primeiro depósito.

Os reembolsos parciais não podem ser inferiores a 10000 réis, nem deixar na Caixa saldo inferior a 200 réis.

As mulheres casadas podem pedir cadernetas e fazer depósitos e saques sem autorização dos maridos.

(Continúa.)

Cantina Escolar Vimaranesse

Cosinheira e servente

Precisam-se de duas mulheres: uma que sabendo de cosinha se encarregue de fazer uma refeição (sopa e um prato) para 50 crianças, e outra para o serviço de compras, limpeza e ajudas.

Os ordenados, com direito á refeição diária, são de 100 réis para a cosinheira e 60 réis para a servente.

Exceptuam-se deste ordenado todos os dias em que não haja escola, como por exemplo, quintas-feiras e domingos.

Quem se ache nas condições acima, deve indicar o seu nome ao 1.º secretário A. L. de Carvalho, rua da Republica n.º 154.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1912.

O Presidente,

Tenente Francisco Martins Ferreira.

Divórcio

Por sentença de doze de Agosto do corrente ano, com trânsito em julgado, proferida na acção de divórcio intentada por Manuel Fernandes da Silva Carneiro, também conhecido por Manuel Fernandes, sapateiro, da rua do Dr. Avelino Germano, desta cidade, a quem foi concedida a assistência judiciária, contra sua mulher Rosalina de Oliveira, da rua de S. Sebastião, hoje rua Bento Cardozo, também desta cidade, foi autorisado o divórcio requerido, com fundamento no n.º 4 do art. 4.º do decreto, com força de lei, de 3 de Novembro de 1910, o que se faz público nos termos do art. 19.º do mesmo decreto. Guimarães, 29 de Novembro de 1912.

O escrivão do 5.º officio,
Eduardo Pires de Lima.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende

ARREMATACÃO

(2.ª publicação).

No dia oito do próximo mês de Dezembro, pelas onze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e para pagamento de passivo aprovado no inventário orfanológico por óbito de Vitorino Simões Sampaio Bragança, casado que foi com a cabeça do casal D. Emilia da Glória Dias Ferreira, do lugar de Portuzêlo, freguesia de S. Tomé de Abação, desta comarca, há de proceder-se á arrematação, em hasta pública, dos bens abaixo mencionados, os quais serão entregues pelo maior lance oferecido acima do valor porque agora são postos em praça, ficando por conta do arrematante toda a contribuição de registo; a saber:

O casal denominado de Portuzêlo, situado, com todas as suas pertencas, águas, posses, direitos, acessórios, servidões activas e mais logradouros, na freguesia de S. Tomé de Abação, desta comarca. E' de natureza enfiteutica, foreiro ao Conde de Margaride, desta cidade, ao qual se paga o fóro anual de 58,254 de milho alvo, correspondentes a três alqueires da antiga medida deste concelho, 29,127 de centeio, correspondentes a alquei-

re e meio da mesma antiga medida e 480 réis em dinheiro, com o landémio da quarentena, pagando-se mais aos possuidores do casal do Penêdo Velho, pela água que vem para o tanque deste casal de Portuzêlo, a pensão annual de 58,254 de pão meado, milho alvo e centeio, correspondentes a três alqueires da referida antiga medida. Este casal compõe-se das seguintes glebas:

O assento, que é formado de casas sobradadas, com suas salas, quartos, cosinha, lojas, lagar e lagarêta, casas térreas, côrtes, eido com sua ramada, fechado por dois portais, sendo um ao nascente e outro ao poente, alpendre e eira de pedra, capela e mais dependências, e, junto e unido, o quintal com tanque e água de bica explorada em terrenos do casal do Penêdo Velho, e o campo da Vessada e Combro, terra lavradia com árvores de vinho e fruta, e um moinho;

Campo denominado de Pinhô, lavradiô, com árvores de vinho;

Campo denominado da Eira, terra lavradia com árvores de vinho, tendo ao norte um rôço com carvalhos e salgueiros; está sujeito este campo á servidão duma mina de água que vai regar o campo da Vessada, pertença do casal de Balborreiro, situado na freguesia de S. Tomé de Abação;

Campo denominado de Oleiros, terra lavradia com árvores de vinho e com servidão de bois e carro por prédios do casal de Balborreiro;

Duas leiras denominadas de Oleiros, com um rôço de mato e carvalhos, formando tudo um só prédio;

Campo chamado de Pereirós, lavradiô, com árvores de vinho e servidão activa de bois e carro por prédios do casal dos Incados;

A veiga Grande, também conhecida por vaiga de Baixo, lavradia, com árvores de vinho e um rôço com carvalhos;

A veiga Pequena, terra lavradia com árvores de vinho e um rôço com carvalhos;

O campo denominado de Cortamil, terreno lavradiô com árvores de vinho e oliveiras, tendo também um combro com carvalhos e servidão de bois e carro por terras da quinta do Casal e dôze horas de água aos domingos de quinze em quinze dias, da pôça da Goiça, desde 24 de Junho a 15 de Agosto de cada ano;

O lameiro denominado do Gato Bravo, antigamente chamado do Longal, lavradiô, com árvores de vinho e com água de torna em torna, desde o dia de S. Miguel até o dia de S. João, do barroco do Longal, e desde o dia de S. João ao dia de S. Miguel, todas as semanas 24 horas, desde sexta-feira ao meio dia até sábado á mesma hora;

Campo denominado do Alqueidão, lavradiô, com árvores de vinho e com água de torna em torna, desde o dia 24 de Junho a 29 de Setembro;

A propriedade denominada da Boucinha, composta de ca-

“ADESA,”

MARAVILHA SCIENTÍFICA MODERNA

O «Adesa» limpa automaticamente, e por um processo novo, toda a qualidade de metais, prata, ouro, joias e pedras preciosas

Com o «Adesa», podem limpar-se ao mesmo tempo mais de **50 objectos** sem ser preciso empregar pós, pomadas ou outros ingredientes.

Com o «Adesa», acabou a fadiga de esfregar um objecto de cada vez para o limpar.

O «Adesa», não contem nem mercúrio nem ácido, é completamente inofensivo.

O processo «Adesa», é o mais limpo e mais barato.

Nenhuma senhora pode dispensar em sua casa o «Adesa», para limpar as suas pratas, e muito principalmente as suas joias, evitando os perigos de as mandar limpar fora.



(O «ADESA» é breveté em todos os países do mundo, e toda a contrafacção será rigorosamente punida).

Depositário e vendedor exclusivo: Em Guimarães

AUGUSTO CUNHA & C.ª

O «Adesa» vende-se em caixas, a começar em 200 rs.

EDITAL

(2.ª Publicação)

Comissão do Recenseamento Militar do Concelho de Guimarães

A Comissão, em desempenho do preceito do § 1.º do art. 33.º do Regulamento dos serviços do recrutamento, faz saber que, na primeira quinta-feira do mês de Janeiro de 1913, terá lugar a sua primeira sessão para se dar começo á inscrição nos recenseamentos militares de todos os mancebos que atingiram a idade legal, nos termos do disposto no art. 41.º do referido Regulamento.

Mais faz saber que todo os mancebos que até 31 de Dezembro de 1912 tiverem completado 16 a 19 anos de idade, são obrigados a participar, durante o mês de Janeiro, á Comissão do recenseamento, que chegaram á idade de ser inscritos nos recenseamentos militares respectivos.

Igual participação deve ser feita pelos pais, tutores ou pessoas de que os mancebos dependam.

Á falta de cumprimento desta obrigação corresponde a pena de 20\$000 a 50\$000 réis de multa.

O que se faz público, para conhecimento dos interessados e para que quaisquer pessoas possam apresentar á Comissão os esclarecimentos que julgarem convenientes.

Sala das Sessões da Comissão, em 22 de Novembro de 1912.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Venda de casas

Vendem-se as duas moradas de casas da rua do Dr. Avelino Germano, com os números 62 a 64 e 66 a 68.

Nesta redacção se dão informações.

AS SENHORAS

Que não queiram procriar recomendamos o «Spermafiçida», cones solúveis de fácil applicação e de efeitos garantidos.

Instituto d'asepsia

GUIMARÃES

A PRODUTORA VIMARANENSE
Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada
 Rua 31 de Janeiro — **GUIMARÃES**

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como a prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gozam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a **preços módicos.**

Sapataria Vimaranesense
 —DE—
António José Mendes
 5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezerro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Ao Chic da Moda

DE

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: **ANTÓNIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA**

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da República, 80
 (ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, óleos, tintas, vernizes, vidros, cera em velas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camilo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanifícios
 DEPOSITO DE MALAS
 VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79 — Rio de Janeiro —, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventarios, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juras dividendos, compra, venda e hipoteca de predios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães — com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

Ao Cidadão